

CREPÚSCULO DA MEMÓRIA - ARQUITETURA LUSO-BRASILEIRA EM SÃO JOÃO BATISTA DE CAMAQUAM - RS

BITTENCOURT, Lucas Boeira¹; GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya²; KUHLOFF, Ivan Ribeiro³.

¹UFPel, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; ²UFPel, DAUrb – Departamento de Arquitetura e Urbanismo. ester@ufpel.tche.br; ³UFPel, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a trazer um estudo das produções luso-brasileiras no município de Camaquã, no tocante aos anos do século XIX. Existe, de uma maneira geral, uma grande lacuna na historiografia da região. Os exemplares encontrados no município carecem de estudos e de significativas sistematizações, principalmente no que tange ao entendimento das questões que envolvem suas arquiteturas. Os historiadores da região se limitam ao campo exclusivo dos fatores históricos. Por desconhecimento ou irrelevância, não aplicam as devidas análises ao campo da arquitetura, ou seja, da edificação e de suas relações com o ambiente (me refiro aqui às questões espaciais) em que a mesma se insere. A pesquisa pretende, dessa forma, humildemente, “semear” a idéia da pesquisa envolvendo a arquitetura e urbanismo no entendimento dos fatos da região. O resultado que se segue na páginas seguintes é na verdade um “recorte” do texto entregue à disciplina de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo V, ministrada pela professora Ester Judite Bendjouya Gutierrez na FAUrb-UFPel. O estudo segue em andamento, sendo assim, para uma total apreensão e exposição desses fatos, ainda há muito a ser investigado, para que dessa forma seus produtos colaborem à memória arquitetônica da região.



Figura 1: Edificações luso-brasileiras em Camaquã, RS.
Fonte: Lucas Bittencourt, 2011.

2 METODOLOGIA

Coube à pesquisa o estudo de algumas permanências no que tange à arquitetura rural e também algumas significações na arquitetura urbana. Dessa forma propôs-se um levantamento fundamentado na pesquisa em fontes bibliográficas sobre arquitetura e urbanismo no Rio Grande do Sul e Brasil, levantamento fotográfico em

campo além da consulta à importantes dados arrolados no Instituto de Pesquisa Histórico do município, que inclui vasto acervo bibliográfico e iconográfico da história da região. Constata-se através da pesquisa que o município ainda abriga um relevante acervo de arquitetura luso-brasileira do RS, que faz parte de um importante capítulo de nossa história, acervo o qual está em grande parte beirando às margens do esquecimento. Percebe-se nitidamente que ainda há uma grande lacuna na historiografia da região, que contempla apenas fatores ainda puramente históricos e acaba por relegar ao desconhecido o entendimento acerca das questões que encerram o campo da arquitetura e do urbanismo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos resultados da pesquisa relaciona características da arquitetura rural de sedes de estâncias e fazendas, um fato importantíssimo, tanto do ponto de vista histórico como do ponto de vista arquitetônico.

No campo da linguagem formal, se observa claramente um aspecto luso brasileiro. Percebem-se esquemas simétricos nas fachadas, janelas em guilhotina, vergas retas, cunhais que se destacam na leitura do conjunto, beiras e telhados se projetando sobre o corpo da edificação, telhas capa-canal, e em alguns casos, percebe-se camarinhas, água furtadas. Não se percebem adornos e ornatos em fachadas, elementos decorativos de platibanda, gradis em ferro.

Em relação à partidos, percebe-se, com exceção da sede da estância da Figueira, partidos que conformam a disposição volumétrica do corpo do edifício de maneira semelhante às percebidas na arquitetura das charqueadas, na região de Pelotas. Na região de Camaquã, essas sedes estavam localizadas próximas aos rios e arroios da região, com o corpo da edificação se acomodando no nível do solo, sem porões, e sem estar sobre partes mais altas do terreno. Esse caráter geográfico aproxima da arquitetura das charqueadas¹ na região de pelotas, por exemplo, e se afasta dos modelos gerais estudados e expostos pelos pesquisadores de arquitetura no Rio Grande do Sul, em que essas sedes estariam em partes mais altas do terreno, por exemplo.²

“As massas arquitetônicas mantinham uma vinculação formal direta com as construções militares: eram pesadas, atarracadas e com pequenas aberturas. Cunhais salientes procuravam imprimir maior solidez ao conjunto. Por vezes eram cercados por um sólido muro de contorno que tinha tantos fins plásticos, como de defesa, como ainda pode ser observado na fazenda do Cristal, em Canguçu³.”

Em relação aos construtores, tanto a projetistas quanto ao trabalhador cativo, a historiografia estudada até então não fez nenhum tipo de referência. De forma irônica o leitor mais distraído poderia até mesmo pensar que não houve trabalhador escravo na região. Não se faz muito à presença de senzalas ou acomodações de escravos nas sedes estudadas, com uma rara exceção, da fazenda da Figueira. As casas senhoriais, isoladas na imensidão das pradarias, demonstram a estrutura opressiva de uma organização social, onde peões e trabalhadores cativos são

¹ GUTIERREZ, Ester J.B. **Barro e Sangue; mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas 1777-1888**. Pelotas: Editora Universitária-UFPeL, 2004.

² WEIMER, Gunter. **A Arquitetura**. Porto Alegre, UFRGS, 2006.

³ WEIMER. Op.cit., p.38.

relegados ao segundo plano, enjaulados em estruturas precárias, e desprovidos de qualquer preceito de dignidade humana.⁴

Cabe salientar, que ante ao reconhecimento dessas produções arquitetônicas, naturalmente ligada à figura das classes dominantes do período, pouco se fala da mão de obra cativa, que possibilitou a construção de todos esses exemplares.

4 CONCLUSÃO

De uma maneira geral, a arquitetura urbana e rural, no município, está compreendida no que eu chamei de crepúsculo da memória. Dois extremos, assim como o crepúsculo que se mistura com o dia e com a noite em duas matizes que se confundem. Pode-se estar a um passo, de preservar ou destruir. Infelizmente essa arquitetura de traços mais singelos (luso-brasileira) está relegada ao segundo plano. A população local (grande maioria) não manifesta o menor interesse nem o menor entendimento por essa arquitetura. Os próprios órgãos que trabalham em função do reconhecimento da história local a desconsideram. Há muita boa vontade, dedicação e esmero por parte de alguns, porém há um completo não entendimento de fatos e partes que compõe a compreensão dos aspectos da arquitetura e do urbanismo. A opinião geral entende de certa forma, como sendo esta uma arquitetura inexpressiva, se comparada com exemplares mais eruditos. O pouco que se tem de reconhecimento de uma linguagem luso brasileira, representa a arquitetura rural, das estâncias e fazendas locais, e de alguma produção, ligada ao nome de personagens de destaque. Se confirma sempre a importância dada à arquitetura das elites. A outra face dessa produção local está à margem, se configura como uma arquitetura desconsiderada, não tendo sido sequer incluída nas intenções de reconhecimento das produções arquitetônicas locais. O próprio trabalhador cativo, personagem fundamental da evolução de nossas cidades está esquecido. Alguns exemplares dessa arquitetura dos “primeiros tempos” ainda permanecem na paisagem da cidade. Felizmente, relativamente conservadas, expressam o testemunho histórico de longos tempos, sob a face de suas fachadas, porém, o advento do progresso, trouxe a lástima e muito dessa produção já se foi perdida. Concluo que ainda há muito a ser estudado sobre a arquitetura e urbanismo na região. Pesquisas mais exaustivas, visando preencher as lacunas existentes bem como a promoção de novos dados e fatos se mostram eminentemente necessários.

Não pude me deter à outros períodos, século XX, por exemplo, ficando essa lacuna latente neste campo da historiografia. Promover medidas de incentivo e fomento ao reconhecimento e ao entendimento dessa arquitetura por parte de sua população se mostra como fundamental. Acredito que só a pesquisa que gere uma conseqüente promoção do conhecimento nessa área, possa ajudar a solucionar esse problema. Respeitar o patrimônio histórico edificado de uma cidade é com certeza também preservar uma herança cultural legada através de diferentes gerações. É respeitar à própria memória.

⁴ WEIMER. Op.cit., p.39.

5 REFERÊNCIAS

- CIBILS, Luis Alberto. **Tapes, Camaquã, Guaíba e Barra do Ribeiro**. Porto Alegre, 1959.
- BECKEL, Divino Alziro. **Camaquã, alvorecer, tempo e espaço. Crônicas publicadas no jornal “O Camaquã” (1960-1991)**, NPHC (org). Camaquã, 2006
- AZEVEDO, João da Silva. **São João Batista de Camaquã – notícia histórica e estatística (1895-96)**. NPHC (org). Camaquã, 2007
- NPHC, Núcleo Pesquisas Históricas de Camaquã. **Camaquã Terra Farroupilha**. Camaquã, 2007.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Ed.Perspectiva. 1983.
- WEIMER, Gunter. **A Arquitetura**. Porto Alegre, UFRGS, 2006.
- WEIMER, Gunter. **Origem e evolução das cidades Rio-grandenses**. Porto Alegre, Livraria do Arquiteto, 2004.
- GUTIERREZ, Ester J.B. **Barro e Sangue**; mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas 1777-1888. Pelotas: Editora Universitária-UFPeI, 2004.
- CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. **Dicionário da Arquitetura Brasileira**. São Paulo: EDART, 1972.